

INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA CCDR-N NA SESSÃO “ENCONTROS A NORTE: AS INDÚSTRIAS CRIATIVAS – TRANSFORMING CREATIVITY INTO BUSINESS: THE CASE OF THE CREATIVE INDUSTRIES DEVELOPMENT

FUNDAÇÃO DE SERRALVES, 27 DE ABRIL DE 2009

“A história universal é a história das cidades”, escreveu o pensador alemão Oswald Spengler, autor da conhecida “Decadência do Ocidente”. De facto, existe uma ligação estreita e íntima entre a filosofia e a cidade: foi no meio ambiente da polis grega que nasceu a filosofia e, com ela, a ciência. Ela encarna a vitória da razão contra o mito, num espaço de proximidade que produziu os valores fundadores da civilização ocidental.

Porém, uma questão pode colocar-se: porque é que foi a cidade de Atenas o epicentro desta revolução, o seu “meio criativo” e não a sua grande rival, a cidade de Esparta? A resposta mais fácil embora verdadeira é que Atenas era uma cidade comercial, aberta, com a sua “Agora” onde os cidadãos atenienses discutiam os assuntos públicos, gozando de liberdades exaltadas no famoso discurso de Péricles, reproduzido pelo grande historiador Tucídides, enquanto Esparta era uma cidade guerreira, fechada, submetida a um sistema totalitário e a uma ordem social rígida. Temos, logo neste paralelo um tanto simplista alguns dos ingredientes que fazem um ambiente criativo ou não. De facto, Atenas irradiou a sua cultura, arte e filosofia pelo mundo antigo até há actualidade e Esparta, que a venceu nalguns combates, nada deixou, tendo-se tornado um nulo cultural.

É certo que não deveremos fazer generalizações apressadas, visto que se recuarmos no passado do Homem podemos maravilhar-nos com o que os povos de caçadores pré-históricos criaram as obras-primas de Lascaux, Chauvet, Altamira (ou Foz Côa), o que levou Jean Cocteau, num delicioso epigrama, a escrever que a arte tem estado sempre em decadência desde a arte parietal das cavernas até aos dias de hoje.

Se dermos um salto no tempo para o Renascimento Europeu podemos igualmente verificar que a revolução humanista eclodiu nas cidades italianas, verdadeiras repúblicas urbanas e centros comerciais (não os de hoje), onde a circulação de ideias, as trocas comerciais e o gosto de viver, originaram uma explosão de cultural que inaugurou o mundo moderno. Foi também aqui e em países onde o comércio das coisas materiais e imateriais se intensificou e onde os poderes absolutos ruíram que, igualmente, se

verificou a revolução científica que deu origem à Ciência moderna. Pense-se em Copérnico, Galileu, Newton, etc.

A cidade é o lugar, por excelência, onde o cidadão dialoga com o político, o artista com o urbanista, o cineasta com os homens e mulheres de negócios, o arquitecto com o construtor, o historiador com o turista. Talvez por isso o grande semiólogo e homem de cultura que foi Roland Barthes tivesse escrito, no seu texto “Semiologia e Urbanismo”, que «aquele que quisesse esboçar uma semiótica da cidade deveria ser ao mesmo tempo semiólogo (especialista dos signos), geógrafo, historiador, urbanista, arquitecto e, provavelmente, psicanalista.»

Em virtude dessa sua vocação para a intersecção e a mistura de talentos, tendências e saberes, a cidade sempre foi o lugar da mudança e da inovação: das mentalidades, dos movimentos de ideias, dos costumes e até dos negócios. Veja-se o exemplo do Porto, onde a cultura e o empreendedorismo económico estiveram associados. No património genético desta cidade está tanto o gene da vocação industrial exportadora, como o da criatividade artística e do pioneirismo intelectual e cultural. O Porto industrial, laborioso e economicamente pujante da passagem do século XIX para o século XX é também a cidade que viu nascer, por exemplo, os primeiros realizadores de cinema e as suas produtoras, como são os casos simbólicos de Aurélio da Paz dos Reis e da Invicta Film. Esta faculdade criadora fica bem ilustrada através da Escola de Arquitectura do Porto e dos nomes de Fernando Távora, Siza Vieira e Souto de Moura, entre outros.

A geografia das indústrias criativas tem no Porto o seu mais antigo berço, mas distribui-se actualmente por outros lugares criativos, alguns intimamente ligados aos Porto, como Matosinhos e Gaia, outros mais distantes, como acontece com Guimarães e Braga, outros ainda felizmente situados no interior, como Vila Real, Chaves e Bragança, sem esquecer os pequenos focos mais ou menos incipientes que se multiplicam por todos os centros urbanos do Norte e que animam as mais variadas actividades culturais.

O projecto de desenvolvimento de um Cluster das Indústrias Criativas no Norte de Portugal, que tem vindo a ser pilotado pela Fundação de Serralves e inspirado pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, assume muito justamente a aspiração de reavivar e projectar o talento, a criação e a inovação. Propõe, aliás, com alguma ousadia, ambicionar para o Norte e, em especial, para a Área Metropolitana do Porto, o estatuto e a marca de “Região Criativa de Portugal”.

Escreve Florida que «hoje é a capacidade para atrair capital e talentos humanos que gera vantagem regional: os que têm talento ganham, os que não têm perdem». Por isso – acrescenta este especialista

em criatividade - «a qualidade do lugar para atracção de pessoas talentosas numa região tornou-se central nas estratégias regionais de desenvolvimento de indústrias high-tech»

Porto – Cidade e Região – têm condições e a obrigação de aprofundar o ciclo da criatividade e da inovação. A crise aberta nos sectores tradicionais da nossa economia, nos últimos vinte anos, tornou inevitável uma aposta em novos factores competitivos, de ordem social, económica e cultural, entre as quais está a criatividade. Certo é que a rude concorrência internacional a que estamos sujeitos e a sistemática e caprichosa variação de humores das conjunturas económicas recomendam o surgimento de mais talentos humanos na cidade e na região, acompanhada pela diversificação das actividades económicas, que, apresentam hoje, apesar da crise, um enorme potencial na cultura, no património ou no turismo.

Por outro lado, se hoje se fala na necessidade de reinventar as cidades é porque elas, porventura, deixaram de ser ou falharam no exercício e encontro de talentos, de confronto, de mudança e de inovação. E é essa falha que explica a dificuldade que enfrentamos para repensar e reocupar espaços abandonados dos centros históricos ou antigas fábricas e centros de negócios, espaços em declínio, que perderam a sua identidade e foram votados a um abandono de actividades. As indústrias criativas podem desempenhar, nesse contexto, um papel nuclear, não apenas na medida em que dão um uso e uma função a esse espaço, mas porque fazem apelo e recurso à sua história e ao seu património simbólico e imaginário.

Muito obrigado

Carlos Lage

Porto, 27 de Abril de 2009